



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

MONTEVIDÉU, URUGUAI, 20 DE AGOSTO DE 2002

Agradeço a oportunidade de voltar a falar aos Representantes do querido povo uruguaio.

Há muito admiro este Parlamento, que traz a marca de uma nação comprometida com os valores da justiça e da liberdade.

A República Oriental do Uruguai sempre me pareceu a estrela-guia da América do Sul, divisando novos caminhos, antecipando o futuro.

Quando tinha por ofício pesquisar e escrever sobre o continente, o que fiz por anos a fio, pude perceber o quanto a experiência uruguaia serviu de referência para os esforços de modernização econômica e social na região.

Em meu livro com Enzo Faletto sobre dependência e desenvolvimento na América Latina, cheguei a tratar das transformações extraordinárias realizadas neste país pelo Presidente José Batlle y Ordoñez no início do século XX.

Bem antes de Yrigoyen e Perón na Argentina e de Cárdenas no México, o Uruguai soube colocar o Estado a serviço da diversificação e da ampliação do mercado interno. Soube abrir espaço para a incorporação

da classe média e de setores populares na estrutura produtiva, para não falar dos alicerces então firmados de um sistema de bem-estar social.

Somente três décadas depois, já nos anos quarenta, sob o Estado Novo, os trabalhadores brasileiros fariam jus aos direitos conquistados pelos uruguaios durante a gestão de Batlle y Ordoñez.

Não surpreende que este país hoje conte com uma das estruturas sociais mais equilibradas e coesas do hemisfério.

Se o Uruguai contribuiu para dar o tom da evolução econômica e social da América Latina, conseguiu também produzir pensadores com horizonte largo. Contemporâneo do "batllismo", José Enrique Rodó consultou a tradição para refletir sobre o futuro. Suas idéias estimularam o debate, ao redor do continente, sobre as fidelidades regionais, do qual participaram muitos brasileiros, como Eduardo Prado, Joaquim Nabuco e o Barão do Rio Branco.

A capacidade de irradiação da inteligência uruguaia está longe de esgotar-se.

Antonio Cândido, um dos grandes intelectuais do Brasil, não esconde sua admiração pela obra de Ángel Rama. Ressalta o talento de Rama em mostrar como literatos da estirpe de Juan Rulfo e Guimarães Rosa conseguiram ser universais sem sacrificar o timbre e a originalidade locais.

Do tempo de Nabuco à geração de Cândido, os brasileiros aprenderam a navegar auscultando o pulso do pensamento uruguaio.

Não tem sido outra minha motivação em visitar o Uruguai, sempre que posso, e em dialogar com seus líderes, parlamentares, empresários e intelectuais.

Venho em busca de inspiração para melhor compreender e enfrentar os desafios de nossa época.

O momento internacional causa inquietação. O mercado talvez jamais se tenha comportado de forma tão contrária a seus próprios interesses, ignorando os fundamentos econômicos, gerando falsas expectativas.

Mas os surtos de insensatez, sobretudo no mundo dos negócios, costumam ter fôlego curto. Terminam prevalecendo as oportunidades reais de comércio e investimento, especialmente quando essas oportu-

nidades estão ancoradas na determinação de uma sociedade em fazer valer suas expectativas legítimas por estabilidade e crescimento, como é o caso neste país, como é o caso no Brasil, como é o caso, também, na Argentina e no Paraguai.

A história mostra que os uruguaios sabem andar de mãos dadas em dias de tormenta. Assim também procedem os brasileiros, inclusive por conta do amadurecimento democrático.

A democracia é a legitimação das diferenças, mas reclama coesão em torno dos objetivos de interesse comum.

O desenvolvimento com estabilidade é um desses ideais maiores. Como o é a justiça social, como o é o combate à pobreza e à exclusão.

Quanto mais afinadas estiverem as forças políticas em relação ao atacado, mais produtiva será a negociação no varejo.

Esta Assembléia pluralista é um bom exemplo.

Como é exemplo o próprio governo do Presidente Batlle, que reeditou uma aliança entre colorados e blancos.

A liderança política pressupõe, acima de tudo, responsabilidade e compromisso. É o que o povo reclama, e é o que todo homem público de boa-fé tem como diretriz.

Ontem, recebi em Brasília os principais candidatos à eleição presidencial. Quis discutir com eles o presente e o futuro.

Como disse semanas atrás em Guayaquil, na reunião de Presidentes da América do Sul, quando há dificuldades e obstáculos, aos líderes da região não cabe simplesmente lamentar, mas trabalhar e construir caminhos que possam servir de pontes entre o presente e o futuro. Trabalhar e construir, com seriedade e confiança.

Não se trata de apelo à união nacional contra ameaças de fora ou por conveniências políticas de uns ou de outros.

Nem o mundo se confunde com os especuladores, nem as sociedades podem ser enganadas.

As evidências são por demais eloqüentes de que a comunidade internacional sabe que estamos no rumo certo, que não foi ditado, mas escolhido.

Estamos de pé como Estados e estamos de pé como comunidade de nações.

O Mercosul tem um lastro histórico e político que é imune à cizânia. Se iniciamos juntos o projeto de integração, estou certo de que continuaremos juntos a usufruir de seus benefícios.

Desconheço outro bloco regional que tenha contribuído tanto, em tão pouco tempo, para o adensamento dos vínculos entre as Partes e destas com o mundo.

Os desajustes de conjuntura são inerentes a qualquer esforço de acomodação de vontades soberanas.

O importante é identificar o potencial de renovação que vem embutido nas situações de crise. A evolução política da Argentina, por exemplo, favoreceu a busca de convergência macroeconômica, quem sabe aproximando o sonho da moeda única.

Confio na recuperação econômica e social da Argentina, como confio na força da Nação uruguaia e de todo o Mercosul.

Estão dadas as condições para que as arestas no comércio intra-regional sejam de todo aparadas, inclusive entre o Brasil e o Uruguai.

Também sou otimista quanto às perspectivas de integração das cadeias produtivas, para não falar do consenso sobre a importância de uma maior institucionalização do bloco.

O Brasil está fazendo o possível para deixar como legado de sua presidência pro tempore a formalização do acordo entre o Mercosul e a Comunidade Andina.

Também continuaremos empenhados no esforço de criação de um espaço econômico sul-americano.

Nada credencia melhor o continente como pólo de comércio e investimento do que a projetada integração em energia, transporte e comunicações.

Em fins de outubro o Brasil assume, ao lado dos Estados Unidos, a presidência do processo negociador da Área de Livre-Comércio das Américas.

A posição do Governo brasileiro é clara: a Alca somente será atraente se assegurar benefícios equilibrados a todo o hemisfério, o que implica maior acesso aos mercados mais afluentes. Sem isso, como afirmei em Québec, a Alca torna-se irrelevante ou perde sua razão de ser.

Tenho a convicção de que saberemos negociar, defendendo nossos interesses, sem esquecer que o futuro depende de maior acesso aos grandes mercados do mundo.

Não são menores as expectativas do Brasil em relação à meta de associação do Mercosul com a União Européia. A integração comercial dos dois blocos somente nos parece aceitável se facilitar o acesso de nossos produtos ao mercado agrícola europeu.

Algo conseguimos, em outro setor, no acordo sobre têxteis. Há, portanto, razões para a esperança.

Somos e permaneceremos amigos dos Estados Unidos e da Europa. Mas parceria em comércio exige reciprocidade. De outra forma não pode haver acordo, seja com o Próspero do Norte, seja com o Ariel d'além-mar, para usar os arquétipos de José Enrique Rodó.

Mas confio em um cenário mais alentador.

Já diziam os clássicos que o comércio traz o benefício de temperar os costumes e aproximar os povos. Existe comprovação maior dessa tese do que o histórico do Mercosul? Rivalidades históricas foram superadas. A democracia prosperou e hoje é condição para ingresso e permanência no bloco. As sociedades nacionais aprofundaram o diálogo recíproco, tornando-se as principais avalistas da dinâmica de integração.

São conquistas que reclamam a abertura de outras frentes, a busca de parceiros interessados em uma prosperidade compartilhada.

Sejamos universalistas, para reforço do Mercosul, para o bem de nossos países.

É esta a mensagem que quis trazer a esta ilustre Casa, em atenção a tudo que tenho aprendido com a experiência desta nação irmã, que tem, desde sempre, os olhos postos no futuro.

Muito obrigado.